

Kiev volta no tempo

GUERRA NA EUROPA



Barreiras por toda parte. Depois de levar comida para a mãe do outro lado de Kiev, Sasha, professor de Química de 62 anos, cruza de volta ponte sobre o Rio Dniéper que teve acesso bloqueado por ônibus e caminhões em dia de nevascas

MEMÓRIAS DE 1941
BARRICADAS, FUZIS E SILÊNCIO LEVAM KIEV DE VOLTA À SEGUNDA GUERRA

YAN BOECHAT

Tudo foi mudando lentamente. Primeiro vieram as barricadas improvisadas com pneus, pedaços de paus, móveis antigos. Nas ruas vazias, homens vestidos com roupas civis e uma fita amarela amarrada no braço direito apareceram armados com fuzis AK-47. Logo, caixas de papelão cheias de coquetel molotov começaram a surgir nas esquinas, na entrada dos metrô, nas praças da cidade. Nos primeiros dias da invasão russa, Kiev dava mostras que seus moradores, seus governantes, seu Exército não pareciam acreditar que a guerra, uma vez mais, estava próxima dessa que é uma das mais antigas cidades do Leste Europeu e berço do primeiro Estado eslavo, o Rus de Kiev.

RUAS VAZIAS
Demorou ao menos uma semana para que Kiev se desse conta de que uma invasão russa não se tratava de uma mera possibilidade, mas sim de um evento cada vez mais iminente. A luminosa, limpa, organizada e festiva capital ucraniana começou a perder seu charme. As ruas que ainda mostravam movimento nos primeiros dias da guerra foram esvaziando. As últimas lojas que tentavam se manter abertas fecharam. Na estação de trens, milhares de pessoas aglomeravam-se para deixar a cidade em direção ao Oeste, para mais perto da União Europeia. Então tudo mudou. Os pneus deram lugar aos sacos de areia. Os móveis velhos e os pedaços de madeira cederam espaço a pesados blocos de concreto. Imensas peças de

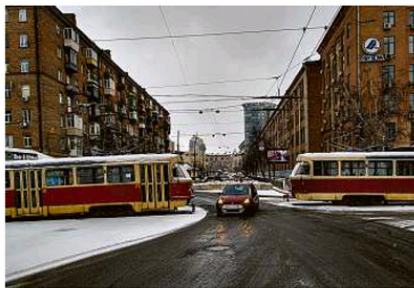
metal começaram a ser descarregadas por caminhões e guindastes em diferentes pontos da cidade para serem utilizadas como obstáculos à chegada dos tanques russos. Os civis, claramente despreparados e assustados que faziam o papel de vigilantes, se foram. Agora soldados profissionais, armados com fuzis modernos, controlavam os pontos principais de Kiev.

Na Praça da Independência, a Maidan — o ponto mais icônico da capital ucraniana e palco dos protestos que em 2013 e 2014 levaram à queda do presidente Viktor Yanukovich e deram início à crise que agora se transformou em guerra — os jovens vestidos com fantasias de personagens da Disney desapareceram. Postos de controle rígido tomaram o lugar onde até há pouco tempo turistas circulavam com tranquilidade fazendo selfies diante de um letreiro em que se lê: "Eu amo a Ucrânia".

— A noite é tudo mais surreal. Não há ninguém aqui, não há barulho algum, só vento soprando, as luzes das nossas lanternas, está tudo escuro, nunca imaginei que veria Maidan assim, até para nós é algo inacreditável — dizia Viktor, um soldado a postos em uma das entradas da Maidan Nezalejnosti, estação de metrô localizada na Praça da Independência.

AQUELA BLITZKRIEG
Viktor fala inglês bem. Parece bastante jovem. Ele me conta que ouvira muitas histórias de seu bisavô sobre as batalhas travadas em Kiev na Segunda Guerra Mundial. Mas diz jamais ter imaginado que um dia ele mesmo poderia ser protagonista de algo parecido.

— Estamos no século XXI, quem imaginaria isso. Você pensou em algum momento que isso podia mesmo aconte-



Bondes contra tanques. Veículos elétricos são usados para bloquear parcialmente rua que dá acesso à parte central de Kiev



Ninguém sai. Coelhozinho de pelúcia armado com um rifle de brinquedo foi colocado em uma barreira de pneus em uma área residencial da capital

cer? — disse ele, devolvendo-me a pergunta.

Kiev tem memória fresca da guerra. Em agosto de 1941, os alemães chegaram aqui na sua mais famosa blitzkrieg. Após meses de preparação, Hitler ordenou um ataque total em direção a Moscou no verão daquele ano. Apesar dos avisos da Inteligência soviética e britânica, Josef Stalin não acreditava que Hitler seria capaz de romper o pacto de não agressão assinado entre Alemanha e União Soviética apenas dois anos antes. Os alemães chegaram rápi-

do. E cercaram centenas de milhares de soldados do Exército Vermelho em Kiev. A batalha começou em 23 de agosto e terminou 33 dias depois, naquela que seria a mais dolorosa derrota dos soviéticos em toda a Segunda Guerra Mundial. Apenas naquele pouco mais de um mês de combate, o Exército Vermelho perdeu algo como 700 mil homens em Kiev, além de quase meio milhão de tanques e um sem número de peças de artilharia.

As pontes que cruzam o Rio Dniéper, que atravessa Kiev, e suas duas margens ainda não

foram destruídas como em 1941. Por enquanto, estão quase todas fechadas. Os ucranianos usam tudo que podem para tentar impedir que, quando os tanques russos chegarem até aqui, tenham facilidade para atravessá-las. Ônibus, caminhões, obstáculos de metal impedem a passagem nas principais pontes.

ATRAVESSANDO A PÉ

Na quinta-feira, num dia de neve forte, Sasha, um senhor de 62 anos que me dizia ser professor de Química na Universidade de Kiev, demorou

mais de uma hora para sair do centro da cidade até sua casa, na margem esquerda do Rio. — Estamos conseguindo atravessar a pé, fui levar comida para minha mãe que mora do outro lado — contava ele, logo após atravessar uma barreira formada por vários ônibus urbanos em um dos acessos à ponte, e acrescentando com um sorriso no rosto: — É tudo tão inacreditável, parece que estamos voltando no tempo, né? E essa neve, tudo fica mais dramático, nem sei ao certo o que pensar.

BONDES COMO BARRERAS

Ali perto, já do outro lado do rio, quase no centro da cidade, os bondes deixaram apenas um espaço estreito para os carros passarem. Estão prontos para fechar um acesso importante à área central da capital se as tropas russas estiverem perto.

Um pouco antes, sacos de areia e blocos de concreto faziam uma espécie de casamata sem teto. Estava vazia. Nenhum soldado, nenhum civil armado, nada. Apenas uma bandeira ucraniana tremulava na tarde fria. Como ela, várias estão assim espalhadas pela cidade. Em alguns parques, trincheiras estão sendo cavadas. Pela primeira vez desde o início da guerra, nesta semana houve tanques circulando pela área urbana da capital.

Pouco a pouco, dia a dia, Kiev vai deixando para trás seu passado recente de uma cidade vibrante do século XXI, uma capital do Leste Europeu que nos últimos anos tem tentado arduamente ganhar tons cada vez mais ocidentais. Com a guerra se aproximando, a bela cidade de quase 1.500 anos vai se parecendo mais e mais com aquela Kiev dos anos de guerra. Os prédios ainda estão de pé. Mas as barricadas e as armas já estão nas ruas.

GUERRA NA EUROPA

ANDRÉ DUCHIADE
andreduchiaide@globo.com.br

A maioria das forças russas concentradas perto de Kiev se espalhou ontem em unidades menores que chegaram a 25 km da capital, e não mais a 35 km, informou o Ministério da Defesa do Reino Unido em seu boletim diário de inteligência, o 17º dia da guerra.

O boletim informou que a grande coluna russa a noroeste da capital — que se prolongava por dezenas de quilômetros, como um gigantesco engarrafamento — se dispersou “provavelmente para apoiar uma tentativa russa de cercar a cidade”. Pode haver também “uma tentativa da Rússia de reduzir sua vulnerabilidade aos contra-ataques ucranianos, que afetaram significativamente as forças russas”, disse a Inteligência britânica.

Num sinal de uma potencial escalada do conflito, a Rússia pela primeira vez alertou ontem os EUA que pode atacar carregamentos de armas do Ocidente para a Ucrânia.

— Alertamos os EUA que a entrega de armas orquestrada com uma série de países não é apenas um ato perigoso, mas também transforma esses comboios em alvos legítimos — avisou o vice-premier de Relações Exteriores da Rússia, Sergei Ryabkov, no canal de televisão Pervy Kanal.

As entregas de armas têm sido realizadas em operações envoltas em segredo. Alguns embarques são coordenados por meio de centros logísticos na Romênia e na Polónia, que tem grande interesse em que a Ucrânia se proteja da Rússia.

Horas após a advertência, o presidente Joe Biden autorizou um adicional de US\$ 200 milhões em armas e outros equipamentos de defesa à Ucrânia, disse a Casa Branca. A decisão eleva a ajuda de segurança dos EUA ao país para US\$ 1,2 bilhão, desde janeiro de 2021, e para US\$ 3,2 bilhões desde 2014, quando a Rússia anexou a Crimeia.

ALVOS ATINGIDOS

Apesar da aproximação à capital ucraniana, os avanços da Rússia seguem lentos. Os alvos foram atingidos durante a madrugada e as primeiras horas da manhã de ontem, mas não houve combates de grande porte na capital. Em

RÚSSIA REPOSIONA TROPAS RUMO À CAPITAL PUTIN AMEAÇA ATACAR COMBOIOS DO OCIDENTE

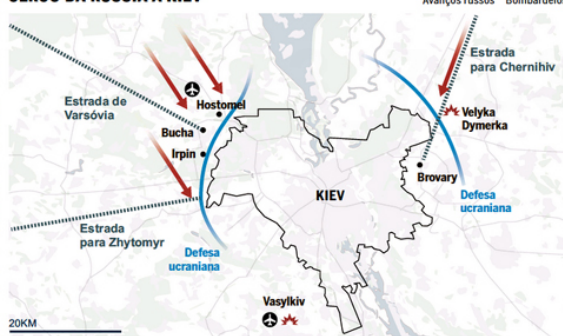


Ajuda. Oficial ucraniano sai de prédio danificado em Kiev, após advertência russa. Casa Branca anuncia auxílio militar adicional de US\$ 200 milhões à Ucrânia

Vasylkiv, um centro industrial a 36 km ao sul que é alvo russo desde os primeiros dias da guerra, um aeródromo militar foi atingido por oito mísseis, segundo a prefeita da cidade, Nataliia Balasnyovych. O ataque indica uma mudança tática russa: no terceiro dia de guerra, uma força tática tentará capturar o aeródromo, sendo repelida pela resistência ucraniana. Dessa vez, o aeródromo ficou “completamente destruído”, segundo o jornal Kyiv Independent, que acrescentou que o depósito de petróleo local também foi destruído, e um estoque de munição pegou fogo.

De resto, os avanços contra Kiev foram limitados nos últimos dias. Após ter conquis-

CERCO DA RÚSSIA A KIEV



Fonte: Ministério da Defesa da Ucrânia

Editoria de Arte

tado posições nas cidades-satélites de Hostomel, Irpin e Bucha, a noroeste e oeste, e dominado uma estrada conhecida como Rodovia de Varsóvia, as forças russas não conseguiram avançar para o sul até controlar uma estrada para Zhytomyr, um centro urbano a 150 km a oeste.

PAUSA OPERACIONAL

Apesar de peças de artilharia terem assumido posições de ataque na sexta-feira, há indícios de uma nova pausa operacional. Embora a Rodovia de Varsóvia tenha se tornado uma importante rota de abastecimento de mantimentos vindos da Bielorrússia — junto da estrada P02, ao Norte — os indícios são de que a tropa russa ainda enfrenta problemas de logística, que dificultam a entrega de combustível e alimentos.

Segundo o último boletim do Instituto de Estudos da Guerra (ISW), sediado em Washington, “a aparente necessidade de realizar outra pausa operacional após os ataques fracassados de 8 a 9 de março apoia avaliações do Estado-Maior ucraniano de que Rússia tem um poder de combate muito menos eficaz em Kiev do que seus números sugerem”.

Ruslan Leviev, da Equipe de Inteligência de Conflitos (CIT), um grupo de investigação online que verifica a atividade militar da Rússia, concorda que o eixo de Kiev é prioritário. “Os russos podem reconhecer o fato de que em algum momento terão que oferecer um acordo. Portanto, eles precisam da maior alavancagem que puderem para as negociações. Isto significa o cerco de Kiev e um desastre humanitário na cidade”, escreveu.

A Rússia, avalia o grupo, pode estar tentando concentrar um total de quase 21 a 22 grupos de batalhões táticos (BTGs) contra Kiev. Segundo as estimativas, a Rússia emprega entre 120 e 125 desses grupos na guerra. A Ucrânia, em afirmações que não podem ser confirmadas de modo independente, assegura que já inutilizou ou destruiu 31 BTGs russos. Ela também disse que cerca de 600 soldados russos se renderam ontem, e cerca de 1.300 soldados ucranianos morreram até agora.

Idosos são mais sujeitos a abusos e abandono nas guerras

Na Ucrânia, pessoas acima de 60 anos representam 18% da população; 9 em cada 10 relatam precisar de ajuda no Leste do país

AMANDA SCATOLINI
amanda.scatolini@globo.com.br

Em meio à guerra na Ucrânia e à crise humanitária resultante do crescente número de refugiados — que chegou a quase 2,6 milhões ontem, ou 2% do total global —, há outro aspecto que preocupa nesse conflito: a situação dos que não conseguem escapar, sobretudo os mais velhos, que se tornam alvos fáceis de abusos, abandono e negligência governamental.

Segundo relatório da Human Rights Watch divulgado em fevereiro, idosos correm alto risco em zonas de guerra, incluindo execuções, estupro, tortura e sequestros. Além dessas violências, o relatório também denuncia as barreiras para obtenção de ajuda humanitária durante conflitos, o

que evidencia a falta de preparo de governos e de organizações para lidar com situações do tipo.

Em muitos casos, a vulnerabilidade dos mais velhos é resultado de doenças e da mobilidade limitada, uma vez que não podem se deslocar com facilidade para regiões mais seguras. Em outras situações, há aqueles que resistem à ideia de deixarem suas casas e decidem permanecer nas zonas de conflito. Outros são simplesmente abandonados pelas famílias, muitas vezes pelo fato de não conseguirem acompanhá-las.

Na última quinta-feira, o Comitê de Emergência para Desastres (DEC, na sigla em inglês), formado por ONGs britânicas, alertou sobre o perigo que idosos correm atualmente na Ucrânia, país cuja população acima dos 60 anos corresponde a cerca de 7,4 mi-

lhões de pessoas — ou quase 18% dos 43 milhões de habitantes do país.

Segundo a Age International, uma das ONGs que fazem parte do DEC e que prestam assistência a pessoas mais velhas na região de Donbass, no Leste do país, nove em cada dez idosos relatam precisar de ajuda para obter comida e água devido aos bombardeios recentes. Mais de um terço necessita com urgência de medicamentos para doenças crônicas, como diabetes e problemas de pressão arterial.

SEM RECURSOS

As dificuldades, no entanto, podem ir além e se estendem ao acesso a serviços públicos básicos. Antes de começar a ofensiva do presidente russo, Vladimir Putin, em 24 de fevereiro, parte da população mais velha do país já enfrentava pro-



Fuga. Soldado ucraniano ajuda idosa a sair de área nos arredores da capital

blemas nas áreas afetadas pelos conflitos iniciados em 2014, quando separatistas pró-Moscou passaram a entrar em choque com as forças de Kiev em áreas de Donbass.

De acordo com o relatório da HRW, o governo parou de financiar serviços nas auto-proclamadas repúblicas po-

pulares de Luhansk e Donetsk, tornando difícil o acesso de muitos idosos desses territórios separatistas à própria aposentadoria, forçando-os, por exemplo, a se deslocar entre áreas de risco para receber o dinheiro.

O documento aponta que, em 2019, mais de 450 mil dos

1,2 milhão de pensionistas que viviam nessas áreas não receberam a aposentadoria, tornando-se carentes de recursos para sustento próprio.

ZONAS DE RISCO

O documento da HRW documenta padrões de abuso contra pessoas entre 50 e 90 anos, que foram identificados entre 2013 e 2021 em conflitos em Burkina Faso, Etiópia, Israel e Palestina, Mianmar, Moçambique, Síria, Ucrânia, entre outras. A HRW também denuncia casos de violação dos direitos humanos e graves abusos em Burkina Faso e no Mali por grupos islâmicos armados, em janeiro de 2022.

País campeão no número de refugiados, com 6,7 milhões, a Síria é lar de idosos afetados por conflitos. O relatório recorda que, entre dezembro de 2016 e abril de 2017, aviões de guerra sírios lançaram quatro ataques com agentes neurotóxicos, incluindo gás sarin. Nesses ataques, diz a HRW, idosos estavam entre aqueles que morreram por exposição aos produtos químicos.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal O Globo - Rio de Janeiro/RJ